



**CASA PRÓPRIA:** o cacique Frederico Pankararu, da tribo que veio de Pernambuco, em seu apartamento do Cingapura, no Real Parque

# Índio quer apartamento. A Prefeitura dá o Cingapura

Cerca de 250 integrantes da tribo pankararu passaram a residir em apartamentos do Cingapura no Real Parque. As famílias foram desalojadas em 1996, de uma favela da zona leste

Ao som de um canto entoado por cerca de 20 índios da tribo pankararu, e diante de faixas com os dizeres *Burédupo'O Celso Pitta* (obrigado Celso Pitta, em tupi-guarani), o prefeito inaugurou, na manhã de ontem, 100 apartamentos do Projeto Cingapura no Real Parque, zona sul.

Nas unidades, que se somam a outras 185 já entregues no local, vivem 87 famílias pankararu — cerca de 250 índios —, que preservam as tradições de sua terra natal, a Aldeia Brejo dos Padres, que fica nas cidades de Tacaratu e Petrolândia (PE).

Na capital desde 1952, para onde vieram em busca de dinheiro,

e trabalhando em sua maioria na construção civil ou como vigilantes, os pankararu trocaram o Rio São Francisco, onde caçavam e pescavam, pelas vizinhanças do fêtido Rio Pinheiros, ao lado dos apartamentos.

Até o mês passado, eles moravam num alojamento da Prefeitura, depois que a favela onde residiam, na zona leste, foi desapropriada para a construção de uma rua, em 1996. "Prometeram que ficaríamos seis meses no alojamento. Ficamos quase quatro anos", diz Manoel Bino Sobrinho, o cacique Bino Pankararu, líder da comunidade.

Sem casa, os índios acabaram aceitando a oferta do governo Municipal de se mudar para prédios do Cingapura. No total, há 352 famílias pankararu na capital e Grande São Paulo. Além das 87 que conseguiram vaga em conjuntos habitacionais, outras 30 ainda estão no alojamento.

As demais vivem em Guarulhos e na zona leste, à espera da cessão, pela Fundação Nacional do Índio (Funai), de um terreno na cidade de Itanhaém, no lito-

ral sul, onde querem construir nova aldeia.

## Tradições

O cacique tem um apartamento no Bloco D e é o responsável por guardar os praiás — roupas feitas de palha usadas em cultos e danças — e os campióis, cachimbos que os índios utilizam para fumar ervas que, a cada quatro meses, integrantes da tribo trazem para a capital. Arcos, flechas e bordunas (espécie de tacape) completam a decoração do imóvel.

"Também temos aqui no Cingapura curandeiros que trabalham a parte espiritual", diz Frederico Pakararu, outro dos líderes indígenas que mora no Cingapura. Mas eles não são pajés, explica. "Nossa comunidade ain-

da não está toda organizada."

Uma vez por ano, a Funai coloca à disposição de todos os índios ônibus para levá-los à aldeia natal, se desejarem ver os parentes. "Há uma tradição de que todos os que fazem 50 anos voltam para lá, para ser enterrados na aldeia", conta Frederico.

Na inauguração, o prefeito ganhou dos índios um colar feito de rabo de tatu e penas de papagaio. "Vai dar sorte", disse. Quando foi cortar as faixas, Pitta pôs um cocar de penas. Ele prometeu fazer um pátio, entre os prédios que ainda não estão totalmente concluídos, para que os índios pratiquem seus rituais.

Além dos índios, outras 98 famílias já moram no conjunto.

**Daniel Gonzales**



**PRESENTE:** Pitta ganha um cocar dos índios do Cingapura